

Chase tenta receber dívida em atraso

Foto de Josemar Gonçalves

BRASÍLIA — O Presidente do Conselho de Administração do Chase Manhattan Bank, Thomas Labrecque, veio pessoalmente ao Brasil cobrar o que o País deve ao seu banco. Ouviu como resposta que a idéia do Governo é um pouco diferente: devo, não-nego, pago quando puder. Tanto a cobrança quanto a recusa de pagamento foram feitas de forma bastante diplomática. Os credores lembraram que a questão dos atrasados prejudica futuros investimentos no Brasil. O Governo respondeu que a proposta brasileira é a de encontrar uma solução de longo prazo para a questão da dívida externa.

— Foi uma conversa instrutiva e agradável — limitou-se a dizer o atual Presidente do Comitê de Assessoramento Internacional do Chase, David Rockefeller, quando terminou a conversa de 40 minutos com o Presidente Fernando Collor.

Os jornalistas quiseram saber se o Presidente prometeu fazer algum desembolso para este ano:

— Foi uma conversa instrutiva — repetiu Rockefeller, enquanto era puxado pelo braço por Labrecque para melhor posar para os fotógrafos na porta do Palácio do Planalto.

— Por favor, vocês podem passar para o outro lado porque a luz daqui está ruim — solicitou um fotógrafo, prontamente atendido pelos dois representantes do segundo maior credor brasileiro.

A mesma sorte não tiveram os jornalistas:

— Amanhã (hoje) nós daremos uma entrevista coletiva — cansou de repetir Labrecque.

A conversa mais técnica veio meia hora depois. Após um atraso de 45 minutos, a Ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, finalmente

recebeu os representantes do Chase. Mas 20 minutos foram suficientes para tratar dos US\$ 2,32 bilhões que o Governo deve ao Chase Manhattan, detentor de 2,43% do total da dívida externa do País.

Coube ao antigo defensor de uma nova ordem econômica internacional e representante do único banco que conversou com o Brasil na época da moratória decretada em 1987, David Rockefeller, começar a conversa. Primeiro disse existir uma torcida internacional muito grande para que o programa econômico brasileiro dê certo. Depois, veio a hora da cobrança: um rápido acordo facilitaria os negócios e investimentos do banco no Brasil.

A Ministra Zélia, após uma breve exposição sobre o plano de estabilização e a questão da dívida externa, respondeu que o grande problema é que os bancos têm uma visão de curto prazo sobre o problema. A capacidade de pagamento foi tocada muito superficialmente pela Ministra, mas todo o histórico da dívida externa brasileira havia sido dado pelo responsável pela negociação, Embaixador Jório Dauster. Hoje, o Chase faz uma última tentativa de convencer o Brasil a pagar seu débito no encontro com o Presidente do Banco Central, Ibrahim Eris.

O Chase, cuja sede no País está em São Paulo desde o final de 1988, é o 31º banco comercial brasileiro, com depósitos totais de Cr\$ 9,03 bilhões em 1989, o que representou uma queda de 4,7% em relação aos depósitos do ano anterior. O banco, segundo a revista "Balanço Anual", da "Gazeta Mercantil", possuía um patrimônio líquido, no ano passado, de Cr\$ 4,8 bilhões. Já a financeira Chase Manhattan é a 17ª maior do País.



Rockefeller e Labrecque: missão de cobrança com pouco êxito em Brasília